

# História de vida de uma forrozeira

*Diego Corrêa de Araujo*

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma entrevista realizada para a minha pesquisa de mestrado que teve como premissa os procedimentos em história oral desenvolvido pelo Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO-USP)<sup>1</sup>. A colaboradora em questão, Hermelinda de Almeida Lopes, foi indicada por Anastácia para participar da pesquisa. Ambas, cantoras e compositoras, compuseram o que denominamos de *rede* das musicistas.

Cabe dizer que este artigo foi submetido para publicação com Hermelinda em vida. A motivação para a publicação advém de sua relevância no movimento de forró desde o final da década de 1950 com o Trio Mossoró até os dias atuais. Como a Revista Travessia segue um protocolo de análises e pareceres dos artigos recebidos, após alguns meses da primeira apreciação do artigo, e considerando o falecimento da cantora, fui notificado para atualizar a situação da entrevista em questão. Dessa forma, esta publicação se apresenta como uma singela homenagem, *in memoriam* a nossa estrela do forró, Hermelinda de Almeida Lopes<sup>2</sup>.

A entrevista com Hermelinda estava inserida no contexto de isolamento social causado pela Covid-19. Realizada de forma remota, ela precisou ser repensada algumas vezes. Nosso primeiro diálogo foi por meio de telefone no dia 18 de julho de 2020. Na ocasião, a pandemia de Covid-19 estava evoluindo cada vez mais, e as autoridades discutiam a possibilidade de decretar o *lockdown* em algumas cidades. Evidentemente que o momento não era para entrevista. Nesse primeiro contato, falamos mais sobre o cenário conturbado que estávamos vivendo do que as questões da pesquisa.

Considerando esse diálogo inicial, destaco que não foi fácil pesquisar e realizar entrevistas no contexto da pandemia. Hermelinda, por exemplo, externou vários sentimentos que perpassavam não só a ela, mas a mim também. Afinal, as mudanças drásticas de comportamentos, somadas às mortes de figuras públicas, entes queridos, amigos, conhecidos e desconhecidos, nos impactou de modo direto.

Decidi fazer o contato com ela nesse período porque não tínhamos nenhuma previsão de melhora da pandemia. Muito pelo contrário, a Covid-19 estava se disseminando cada vez mais no Brasil e no mundo todo. Pensei

que seria interessante irmos dialogando e nos conhecendo, e quando ela se sentisse mais confortável, ou ainda, caso melhorasse a situação pandêmica, a entrevista se demonstraria mais viável.

Ficamos conversando durante semanas via áudios pelo *WhatsApp*. Para além de nos conhecermos, também estávamos nos fortalecendo como uma rede de apoio em meio a pandemia. Eram assuntos diversos, mas, por conta das circunstâncias, conversamos muito sobre os cuidados com a saúde, conteúdos inevitáveis diante a pandemia, e aos poucos a temática do forró foi aparecendo.

Depois de dois meses de conversa, Hermelinda disse-me que já era possível realizarmos a entrevista. *A priori*, ela seria feita por meio do aplicativo de videoconferência chamado *google-meet*, mas tínhamos que esperar um dia em que o seu sobrinho fosse visitá-la, pois era ele que a auxiliaria no uso do aplicativo para a entrevista. Com o agravamento da pandemia e as demandas de viagens a trabalho de seu sobrinho, ficou cada vez mais difícil de acontecer esse encontro virtual para realização da entrevista. Como não havia outra forma de dar continuidade, comecei a refletir de que maneira poderíamos proceder.

A única opção era utilizar *WhatsApp* como uma ferramenta para a execução da entrevista. Ao considerar essa possibilidade, alguns pontos chamaram-me a atenção. Em nossas conversas por meio desse aplicativo, Hermelinda sempre me enviava longos áudios, e os temas abordados já estavam adentrando a sua família e as questões ligadas ao forró. Considerei relevantes esses dois fatores. E isso me levou a cogitar a possibilidade de uma entrevista via áudio por meio do *WhatsApp*; porém, antes, deparei-me com o seguinte dilema: entrevistas remotas *versus* entrevistas presenciais. Penso que as entrevistas presenciais são importantes por causa do contato pessoal. Além disso, o trajeto que o pesquisador faz até chegar ao local da entrevista, sugerido pela colaboradora, também é digno de descrições. Nas entrevistas virtuais esses elementos muitas vezes ficam mais restritos.

Se a entrevista por videoconferência restringia alguns elementos importantes para o estudo de história oral, o que pensar das entrevistas feitas via áudios de *WhatsApp*? Compartilhei essas inquietações com o meu orientador José Carlos Sebe Bom Meihy. Expliquei a ele a situação na qual essa entrevista estava inserida. O professor ressaltou a importância das entrevistas presenciais e, perante a situação, motivou-me a encarar a opção de entrevista via *WhatsApp*. A sua orientação foi a de fazer uma pergunta de cada vez e logo em seguida transcrevê-las. Pois dessa forma, entre perguntas e respostas, conseguiria me organizar melhor no trabalho com os envios de áudios.

Após essa orientação, segui para conversar com Hermelinda no mês de setembro de 2020. Com a impossibilidade de realizar uma videoconferência, ela gostou da ideia de entrevistas por intermédio do *WhatsApp*. Antes de

iniciar, expliquei novamente do que se tratavam as questões que seriam feitas, eram perguntas abertas que remetiam a sua história de vida<sup>3</sup>.

Começamos a entrevista no dia 21 de setembro de 2020 e finalizamos no dia 23 do mesmo mês. Para dar início, perguntei de onde veio o seu nome e a partir daí seguimos<sup>4</sup>.

**2 “ESSAS SÃO AS ÚNICAS PESSOAS QUE DEVO MUITO: MEU PAI E A MINHA MÃE. TUDO COMEÇOU ATRAVÉS DELES. SE NÃO FOSSE OS DOIS NÃO EXISTIRIA TRIO MOSSORÓ NEM HERMELINDA”.**

Vamos lá, meu amigo... Vou começar agora! A gente esquece os sobrenomes dos velhos... Meu pai era Messias Lopes de Macedo, um cearense bom, e a minha mãe paraibana, Joana Almeida Lopes. Os dois se conheceram em Mossoró quando o meu pai foi trabalhar na cidade e a minha mãe tinha ido passar as suas férias lá. Depois de seis meses eles se casaram.

Minha mãe nasceu na cidade de Bananeiras que fica próximo de Cacimba de Dentro na Paraíba. Era uma cidadezinha muito pequena. Quando o meu pai chegou em Mossoró, ele se apaixonou por minha mãe, ela era muito bonita. Novinha, tinha catorze anos de idade. Olha! Cheirando a leite... O velho se empolgou. Velho entre aspas, né?... Na época ele tinha uns trinta... trinta e um anos, por aí. Fizeram dezesseis filhos juntos!

Meu pai era um homem muito apaixonado pela minha mãe. Demais! Demais! Era... Até Jesus o levar. Ele faleceu com cento e dois anos, totalmente lúcido. Rodava esse Rio de Janeiro todo. A recordação que tenho do meu pai e da minha mãe era o amor que eles tinham muito grande um pelo outro. Embora, já velhos, ela com sessenta e poucos anos e ele com setenta e não sei quantos... Era uma ciúmeira que um tinha do outro... Eu achava aquilo maior barato, morria de rir.

O meu pai cuidou da parte financeira da família, ele era comerciante. Foi ele que praticamente bancou o Trio Mossoró. Mas a pessoa que o incentivou, que ficava em cima dele para ele fazer as coisas foi a minha velha. Minha mãe tinha muito orgulho de ver os filhos cantando. Essas são as únicas pessoas que devo muito: meu pai e a minha mãe. Tudo começou através deles. Se não fosse os dois não existiria Trio Mossoró nem Hermelinda.

Os sobrinhos da minha mãe gostavam muito de música e a minha mãe sempre ficava ali no meio deles cantando, mas o pai e a mãe dela não a deixavam cantar. Naquele tempo eles não queriam de jeito nenhum que ela fosse cantora. Tinha esses negócios naquela época... Minha mãe gostava muito de música, por isso que ela me incentivava bastante. E o meu pai carregava aquele humor cearense, típico de um artista.

Conheci toda a família do meu pai, os Crateús, eles são do Ceará. A família de papai é da família Aragão com Ximenes, faz parte da família do Renato Aragão, comediante da Globo. Eles são primos, eram porque meu pai morreu... Minha mãe era sobrinha de Zé Américo de Almeida, que era da família Almeida. Ele era poeta e foi governador da Paraíba. Meus pais se casaram e viveram um bom tempo em Mossoró. Minha mãe tinha catorze anos de idade e o meu pai era quinze anos mais velho que ela.

Quando vim para o Rio de Janeiro com o meu irmão João, para tocar com meu irmão Oséas, a minha mãe não aguentou a distância e botou na cabeça do meu pai que eles deveriam se mudar para o Rio. Dois anos depois eles estavam morando aqui perto da gente. Viemos para o Rio na companhia de minha irmã Laurinha Lopes, que era a única maior de idade. Era ela que tomava conta da gente.

Esse meu nome veio da minha tia, irmã do meu pai, que também se chamava Hermelinda. Ela tinha falecido quando nasci. Acho que foi uma homenagem que ele fez para ela. Meu nome é difícil de marcar, né?... Lembro-me muito de Luiz Vieira que dizia que o meu nome deveria ter sido Bila, que é meu apelido. Aí, pegava rapidinho! A verdade é que Hermelinda é muito difícil de lembrar.

Graças a Deus a minha infância foi muito boa em Mossoró. Brincava muito no colégio das freiras onde estudei. Lá tinha um mini parquinho com roda gigante, balanço, canoa, que era tipo uma balança também, mas em forma de canoa. Amava pular cordas... Não tenho o que reclamar da minha infância. Brincava de boneca, fazia mesinha, cadeira, tudo com caixinha de fósforo. E a maior parte das bonecas eram de pano. Elas eram lindas! Era muito bom... A gente viveu a infância de verdade.

Quando eu tinha treze anos, comecei a me envolver mais com a música. Meu irmão Oséas ia fazer aniversário, e para a sua festa a minha mãe pediu aos filhos:

— Vocês vão ter que fazer uma homenagem para o irmão de vocês. Vamos fazer uma festa de aniversário para Oséas... Quero que vocês cantem alguma coisa...

Em três dias, meu irmão João que era compositor me ensinou a tocar triângulo, foi quando aprendi algumas músicas da Marinês. Mas eu não era muito chegada em cantar, meu negócio mesmo era brincar, ainda era muito criança. Mas foi dessa apresentação que começamos a tocar juntos, eu no triângulo e meus irmãos Oséas na sanfona e João na zabumba.

Nessa época ainda não era o Trio Mossoró, chamava-se “Oséas Lopes e Seus Cangaceiros”. Fizemos muitas apresentações na Rádio Tapuyo. Costumo chamar de “auditórios” essas apresentações. Era lotado total! A gente tocava uma vez por semana. O dinheiro era todo nosso. Ficamos nessa programação por mais ou menos um ano.

Mas não era igual ao movimento que a gente via no Rio de Janeiro. Foi por isso que meu irmão Oséas decidiu ir para o Rio tentar fazer sucesso com música. Mossoró era interior, não tinha muito movimento, era muito fraco.

Chegando no Rio meu irmão não encontrava músicos para acompanhá-lo, mas ficou por pouco tempo sozinho. Ele ligou para o meu pai pedindo para ele mandar eu e João para o Rio, para continuarmos acompanhando-o. João tinha onze anos e eu catorze. E não deu outra... Meu pai alugou um apartamento para nós na rua Senador Vergueiro, no Flamengo. Ali foi uma maravilha! Iniciava-se a minha juventude...

Eu era muito fã de Elis Regina, tinha todos os discos dela. Eu tinha uma vitrolinha, levava na casa da minha amiga Elisabete, – a gente ficava escutando os discos da Elis, eu imitando-a e o irmão dela o Jair Rodrigues. Essa época foi muito boa! A gente ia no clube Guanabara brincar no carnaval... Era matine, às quartas, às oito. Sempre tinha uma pessoa adulta com a gente, a mãe ou a irmã de alguém da nossa turma. Era um grupo de garotos e garotas. Foi uma juventude muito sadia. Muito diferente de hoje onde o pessoal só pensa em beber e usar drogas. Carnaval, hoje, não existe. Naquele tempo a gente realmente brincava. Eu sambava pra caramba!!! Gostava demais! Fui levando a minha vida assim.

Se eu pudesse voltar atrás, gostaria muito de ter estudado e me formado em Direito. Quem me dera... Me arrependo demais. Eu era louca pela carreira de Direito. Eu devia ter feito, essa que é a verdade. E olha que o meu pai tinha condições de me proporcionar isso. Eu teria outra vida. Eu acho. Não teria passado por determinadas coisas que passei. Fui uma pessoa criada para casar e viver todas as maravilhas da vida como o meu pai e a minha mãe.

Mas naquela época era difícil estudar porque a gente fazia muitos shows. Só seria possível há uns vinte anos. Mas enfim... “Águas passadas não movem moinhos”. Não adianta. Gostaria de ter a cabeça que tenho hoje naquela época. Mas pensando bem, não tinha como estudar. Chegava tarde das apresentações... Como iria fazer para acordar cedo e estudar?... Meu amigo... Só com muita vontade mesmo. Com isso foi acabando a minha vontade de estudar. Fui deixando de lado. E depois que casa... Pronto! Aí, fica mais difícil ainda, infelizmente.

Divorciei do meu último marido. Ele era músico, compositor e cantor. Era uma pessoa muito boa. O mal dele era a bebida, e isso acabou com a minha carreira e com a dele porque na hora que tinha que fazer show, cadê ele?... Já estava bêbado. Aí já viu, né?... Eu estava numa fase muito boa de sucesso. Não parava de fazer shows, mas tinha esses detalhes... Ele tinha que ficar em casa e eu ia fazer os shows porque era contrato e tinha que cumprir.

O único casamento que vejo que deu certo foi dos meus pais. Eles formavam um casal lindo de viver. Minha mãe faleceu primeiro e o meu pai continuou vivo. Ele sofria muito porque não se conformava com a morte dela.

Os dois eram apaixonados verdadeiramente. A gente não vê mais isso nem a “pau”. Não vê! Os casamentos de hoje duram uns três, no máximo quatro anos, logo se separam. E quando se separam, a mulher tem que aguentar o diabo... Então não dá para mim não!

Minha profissão era cantar e voltar para casa. Mas fiz muitas amizades no Rio de Janeiro. Ia na casa de Jackson do Pandeiro, que era no bairro da Glória. Ia para fazenda de Luiz Gonzaga... Com dezoito anos comecei a namorar Gonzaguinha, mas isso durou pouco. Terminei porque eu não era namorada, e o cabra morava em Miguel Pereira, onde ficava a fazenda de Gonzagão, e eu morando na Praia do Flamengo... Meu amigo, era uma longa caminhada... Percebi que era um relacionamento sem futuro.

No Rio de Janeiro a gente se envolveu muito com o pessoal da MPB: Wanderléia, Erasmo Carlos, Paulo Sérgio, Golden Boys, Renato e seus Blue Caps, Jerry Adriani, Vanderlei Cardoso... Convivíamos com esse pessoal. Ali ninguém tinha inveja de ninguém. Se pudesse, um ajudava o outro, entendeu?...

A coisa era mais complicada no forró. Modéstia parte, ninguém tinha condição de “puxar o tapete” do Trio Mossoró, essa que era a verdade. Graças a Deus! Tentavam puxar, mas não conseguiam. Graças a Deus o Trio era muito querido pelo pessoal da Globo, da TV Excelsior, também tinha o grande Luiz Vieira, muito parceiro nosso. A gente era muito querido, “nego” que chegava para tentar barrar as coisas não conseguia.

O Trio Mossoró entrava em diferentes ambientes, inclusive nos ambientes de protesto da época. Luiz Vieira convidou a gente para fazer algumas apresentações em teatros onde aconteciam os protestos.

Quando cheguei aqui no Rio eu era chamada de matutinha: “olha a matuta aí!”, “a pau de arara”. Dessa forma que fui recebida. Eu dizia:

— Eu sou e me orgulho de ser pau de arara e matuta!

Porque ser matuta significava ser uma mulher tímida, mas ao mesmo tempo brava e forte. Eu tirava um proveito disso e não dava confiança para os caras. Naquela época não era brincadeira, eu era garota, comecei com catorze anos. Cheguei aqui no Rio faltando um mês para fazer quinze anos. Era uma menina bem matuta mesmo... Matuta modo de dizer, né?... Eu era muito tímida. Naquela época, as meninas do interior geralmente eram assim. Hoje em dia não, elas sabem mais que a gente.

No Rio, eu e meu irmão chegamos com o nome de “Oséas Lopes e Seus Cangaceiros”. Quando fomos gravar na Copacabana Chantecler, o Nazareno de Brito, que era o diretor e produtor, falou para o meu irmão que esse nome de “cangaceiro” não estava bom. Aí, meu irmão disse:

— Olha, já deram umas ideias de ser Trio Mossoró...

Nazareno respondeu:

— Pronto! Esse aí tá bom! Esses “cangaceiros” não...

Assim iniciou a nossa jornada no Rio de Janeiro. Acho que fomos os forrozeiros mais abraçados pelo Rio. Naquele tempo já tinha muito forró na cidade, como a gente se vestia bem, tínhamos uma boa apresentação, o grupo entrava com mais facilidade na mídia. E as vezes eu cantava umas músicas fora do forró, por exemplo “Sá Marina”.

No início a gente começou a se apresentar com chapéu de couro... Toda aquela roupa nordestina, mas depois que começamos a entrar na mídia o nosso figurino mudou. Tocamos em muitos programas de televisão. Fizemos muito com o Chacrinha. Lembro de alguns apresentadores da TV como Paulo Gracindo, Manoel Barcelos, César de Alencar e Jair Taumaturgo. Dessa época, eu só lembro da gente cantando “Carcará”. Tempo em que a TV pagava cachê para os músicos. Hoje a gente paga para cantar, – o tal do jabá...

Naquele tempo a TV Rio era como se fosse a globo de hoje. Tinha a TV Tupi também. Era programa de segunda a segunda na televisão. Nesse meio tinha muita gente da MPB, por isso que tínhamos mais proximidade com essa turma, como falei anteriormente.

Em 1965, quando o trio gravou “Carcará” que era eu que cantava, fomos fazer uma excursão pelo Nordeste. Começamos em Recife, depois fomos para Mossoró, Fortaleza... Depois mais três cidades do interior do Rio Grande do Norte: Areia Branca, Macau e Caicó. Na sequência fizemos um show em Teresina, em São Luís do Maranhão, foi aí que começamos a ser reconhecidos no Norte e no Nordeste. Depois dessa excursão voltamos para o Rio, pois era o lugar onde aconteciam as coisas. Tinha de tudo. Nesse retorno participamos muito de um programa chamado “Ciranda nos Bairros” e continuamos tocando nos programas do Chacrinha, que se destacava com as suas atrações musicais.

Trio Mossoró recebeu um troféu muito importante para a época, o “Troféu Euterpe”, era o “Oscar do troféu”. Hoje não existe mais, virou o tal do “Antena de Ouro”. Mas esse “Euterpe” era uma premiação muito importante. Quem escolhia os artistas não era a Ordem dos Músicos, mas sim a Academia de Letras. Era muito chique! A entrega dos prêmios foi no Teatro Municipal, uma festa muito bonita! Quem passou o troféu para a minha mão foi o presidente da Academia de Letras, um senhor bem velhinho, acho que ele já deve ter morrido porque na época ele já tinha os cabelinhos todos bem branquinhos. Ele demorou um tempão para me entregar o troféu. E eu tímida, tremia-me que só a peste para segurar o certificado junto com o troféu. Aquele “bicho” pesava que só um “chumbo”...

Tenho várias músicas gravadas por músicos intérpretes, uma delas foi a Elba Ramalho que gravou, “Toque de Fole”: “Dedo no couro é pandeirada, mão na zabumba é zabumbada...” Quando gravei essa música, usava o meu

pseudônimo de compositora – Ana Paula. Essa história de pseudônimo foi o meu irmão que inventou. Não sei por quê. Talvez para separar a Hermelinda cantora da Hermelinda compositora. Compus algumas músicas em parceria com o meu ex-marido Bastinho Calixto, também compunha com outros músicos como Dominginhos. Esse envolvimento com os artistas sempre foi muito produtivo, só tem a somar.

Recentemente aconteceu uma coisa interessante em São Paulo... Os DJ's que tocam nas casas de forró atuais, começaram a tocar as músicas do Trio Mossoró, as músicas que eu cantava. Não demorou muito o pessoal do Nata Forrozeira entrou em contato comigo para eu cantar no festival deles. Fiz dois anos seguidos. Os forrozeiros redescobriram o Trio Mossoró. Eu não cantava mais, entendeu?... Aí, nós juntamos o Trio e fomos fazer o Nata Forrozeira de 2016, que foi uma verdadeira loucura... Coisa de doido de tão bom que foi! Tanto que hoje eu canto como Hermelinda e também com o Trio Mossoró. O Trio Mossoró é um pouco difícil de fazer apresentações porque fica caro, pois os meus irmãos moram em outro estado, por isso que as vezes faço como Hermelinda.

Após essas apresentações começaram a surgir vários convites. Fizemos um baile próximo da avenida Paulista... O nome do lugar era “Meu Forró”. Estava lotado! Lembro que tinha um painel imenso com o retrato da gente com chapéu de couro... Impressionante! Até hoje o empresário diz que aquele show foi uma apresentação do século, porque realmente foi uma loucura quando o Trio Mossoró entrou no palco.

Antes da pandemia fui convidada por um menino de uma casa de show para tocar em São Paulo. Não lembro o nome dele agora, mas é uma casa de show bem conhecida em São Paulo. Ele queria contratar o Trio Mossoró, mas chegou à pandemia e não deu certo.

As músicas que fizemos há trinta e cinco... quarenta anos, começaram a estourar no circuito de forró: Festival de Itaúnas, Aldeia Velha, Nata Forrozeira, Rootstock, nas casas de forró em São Paulo e em outros estados. Começaram a surgir vários shows.

Quando participei do Festival de Itaúnas... Rapaz... Foi uma coisa muito louca, mas muito louca mesmo! Quando comecei a cantar as músicas, todo mundo cantava junto, entendeu?... Eu fiquei muito emocionada! Cheguei até a chorar no palco!

Também participei de um festival em Lisboa, que se chamava “Baião Vai”, foi lindo também. Toquei em uma outra casa também em Lisboa, foi bom demais! E assim foram se abrindo as portas.

Não sei se você já viu o meu minidocumentário... No meu perfil do *instagram* tem, meu sobrinho botou recentemente. Foi gravado em Portugal. Ele repercutiu muito nas redes! Eu sei que o forró com essa turma de hoje está bom demais! É fora de série, né?...

Quando fui para Portugal a Anastácia também foi, eu fui na segunda e ela na sexta-feira, e o show, se eu não me engano, foi no sábado. Fizemos juntas. Depois eu fiz um só, com outros artistas que estavam por lá. Foi muito maravilhoso. Vixe!!! Agora tenho uma porção de amigos no meu *facebook*, muita gente de Portugal me manda mensagem. Acho que já tem uns onze anos que fui a Portugal ensinar forró.

Tenho vontade de voltar para Portugal porque eu amei de paixão aquele país. Gostei demais, demais, demais! Me senti em casa. Só fiquei um pouco incomodada depois porque fiquei uma semana em Portugal e poderia ter aproveitado e conhecido a França, são algumas horas de trem, quer dizer, de trem bala, né?... É num instante. Ia nem que fosse para passar um dia e no outro ir embora. Daria para conhecer os pontos turísticos, bater umas fotos, tomar um café...

Esse pessoal que contratava os músicos brasileiros para outros países, eram os próprios brasileiros, produtores que trabalhavam aqui e que viram que o forró lá fora também era um caminho a se seguir. Um deles era o Araújo que produzia o Nata Forrozeira, ele que fazia esses contatos. Tanto que ele passou a produção do Nata para outro rapaz. E o de Lisboa é o Henrique Matos, ele é professor de dança de forró, tem uma academia de dança em Lisboa.

Eu imaginei que a viagem a Portugal não seria boa, mas compensou muito. É um país maravilhoso e tem um povo fora de série! Eles adoram um forró, gostam muito de uma sanfona. Não pode ouvir a “zoada” de uma sanfona que ficam tudo doido. Foi muito bacana! E eu me senti como se estivesse no Brasil. Fiquei muito contente com o sucesso internacional do Trio Mossoró.

Aqui no Brasil também fizemos muito sucesso no Nordeste e agora com o pessoal mais jovem de São Paulo... Em 2018, meu irmão Carlos André foi receber o troféu “Gonzagão” de sessenta e três anos de existência do Trio Mossoró lá em Campina Grande. Como Oséas tem mais tempo de carreira artística, em 2019 ele foi homenageado como cantor, produtor, compositor, diretor de gravadora... O bicho fez muita coisa! Ele assobiava e chupava cana ao mesmo tempo!...

Mas essa pandemia está empacando muita coisa, meu amigo. Realmente bagunçou a vida de todo mundo, né?... Eu ia fazer uma temporada em São Paulo, no estado todinho... Era um projeto da Secretaria de Cultura. Um amigo que estava organizando, mas as apresentações foram canceladas por causa da pandemia.

Essa pandemia está parecendo o fim do mundo. Nos meus setenta e cinco anos, nunca vi uma coisa dessa. Já passaram vários vírus barra pesada, onde muita gente morreu, mas não foi publicado e nem ficou dessa maneira

como esse vírus está. Hoje é perigoso você se sentir mal em casa por uma coisa qualquer, e quando chegar ao hospital o médico dizer que vai ter que entubar. Entubar é muito complicado. Fora o pessoal que está passando fome e sofrendo muito com essa pandemia...

Agora vou pedir licença porque eu não deixo de rezar o meu tercinho. Nessa pandemia a gente tem que orar muito, para todo mundo. Pedir a Deus que as pessoas se conscientizem mais, né?... Sejam mais amigas uma das outras, ajudem mais uns aos outros. Tenham mais amor à vida. A vida é tão boa, e estar viva para contar essa história é melhor ainda.

## NOTAS

<sup>1</sup> “A experiência nordestina no contexto paulistano: o pé-de-serra”, título da dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades – USP (PPGHDL) em meados de 2022.

<sup>2</sup> (\* 31/10/1945 † 1/04/2023)

<sup>3</sup> Após seis meses da realização da entrevista, descobri que existia um aplicativo para celular que grava vídeo chamadas feitas pelo *WhatsApp*. Já que o *WhatsApp* se demonstrou como a única opção para a entrevista, o aplicativo de gravação poderia ter nos aproximado um pouco mais através do vídeo. Na ocasião, ainda não existia chamada de vídeo no *WhatsApp*.

<sup>4</sup> Embora tenha iniciado com a pergunta sobre o seu nome, no processo de textualização da entrevista, o texto foi reorganizado em uma ordem cronológica e devidamente validado pela própria Hermelinda.

## RESUMO

Este artigo é fruto de uma entrevista realizada para a minha pesquisa de mestrado que teve como premissa os procedimentos em história oral desenvolvido pelo Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO-USP). A colaboradora em questão, Hermelinda de Almeida Lopes, foi indicada por Anastácia para participar da pesquisa. Ambas, cantoras e compositoras, compuseram o que denominamos de rede das musicistas.

**Palavras-chave:** História de vida; Nordeste; Música.

## ABSTRACT

This article is the result of an interview carried out for my research master's degree that had as its premise the procedures in oral history developed by the Oral History Studies Center (NEHO-USP). A collaborator in question, Hermelinda de Almeida Lopes, was nominated by Anastácia to participate in the research. Both singers and songwriters, They formed what we call the network of musicians.

**Keywords:** Life's history; Northeastern; Music.